

"Morra Bem, Viva Rápido": Limite (1931), um Conto Sobre a Limitação da Condição Humana¹

Marília de Orange Uchôa da Fonseca²

Resumo

Há 87 anos *Limite* (1931) era exibido pela primeira, em uma sessão não comercial, em um cinema no Rio de Janeiro. Filme escrito e dirigido por Mário Peixoto, tem a fotografia assinada pelo jovem e talentoso Edgar Brasil e contou com as atuações de Olga Breno, Tatiana Rey, Raul Schnoor, Brutus Pedreira e Carmen Santos. Este artigo tem como objetivo analisar o filme em busca de desvelar o seu tema central: a condição humana e os limites que a tangenciam.

Palavras-chave

Limite (1931), Cinema, Audiovisual, Limitação e Condição Humana.

1. Introdução

No dia 17 de maio de 1931 era exibido pela primeira vez o filme *Limite*. Uma película do cinema mudo brasileiro e com características bastante diferentes das demais obras que circulavam no Brasil no início do século XX. O filme dirigido por Mário Peixoto e com a fotografia assinada por Edgar Brasil, foi realizado com recursos próprios no município de Mangaratiba no Rio de Janeiro.

Em sua primeira exibição, *Limite* (1931) obteve reações favoráveis dos críticos, muito por conta de seu caráter inovador, porém não conseguiu agradar o público em geral. *Limite* (1931) se apresentava, para muitos, como um filme incompreensível e isso acarretou em seu não lançamento comercial no circuito cinematográfico brasileiro. Este fato foi determinante na vida de Mário Peixoto como diretor, pois depois disso ele nunca mais conseguiu concluir nenhum outro projeto no setor.

É possível notar que em *Limite* (1931) existe uma atenção especial ao ato de fazer cinematográfico, em se fazer um filme com requintes de arte. A obra de Peixoto se

¹ Trabalho apresentado no DT 04 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 de julho a 7 de julho de 2018.

² Discente do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE, e-mail: mariliadeorange.U.F@hotmail.com



expressa através de símbolos e simbologias; em sua história todas as imagens têm importância, cada imagem desempenha um valor na composição da mensagem do filme. É uma película que requer atenção e, também, que o espectador se permita a uma experiência cinematográfica diferente. É preciso sentir, ir além das imagens. Ao assistir *Limite* (1931) se faz necessário:

(...) reconhecer que só haja imagem a pensar radicalmente para além do princípio de visibilidade, ou seja, para além da oposição canônica – espontânea, impensada- do visível e do invisível (...) (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.105)

Limite (1931) mostra através de representações o seu tema central: a condição humana e os limites que a tangenciam. De forma bastante rítmica, o filme vai tecendo o seu argumento e mostrando para o espectador que os limites fazem parte da condição humana, não adianta negar, não adianta fugir, os limites existem.

O tema central desta obra será o foco deste artigo; aqui, procuraremos descortinar as representações presentes no filme que transmitem, de forma encantadora e plástica, as mensagens sobre os limites e a condição humana.

2. A Obra

Limite (1931) é um filme em preto&branco e mudo, realizado em uma época em que o cinema colorido já existia e o cinema falado já estava surgindo; a decisão de fazêlo dessa forma foi intencional, Peixoto acreditava que o cinema mudo tinha um poder potencializado para atingir o público. É o único escrito e dirigido por Mário Peixoto, um homem apaixonado pelo cinema.

Suas filmagens ocorreram em 1930, com recursos próprios, no município de Mangaratiba, na fazenda Santa Justina uma propriedade de Victor de Souza Breves, primo de Peixoto. O filme contou com as atuações de Olga Breno, Tatiana Rey, Raul Schnoor, Brutus Pedreira e Carmen Santos, e tem a fotografia assinada pelo jovem e talentoso Edgar Brasil.

O filme que fala sobre a passagem do tempo, a condição humana e os limites, teve sua primeira sessão as 10h30min da manhã do dia 17 de maio de 1931. Sua



primeira exibição foi em uma pré-estreia não comercial no Cinema Capitólio³ na Cinelândia⁴ organizada pelo cine clube Chaplin Club⁵

Limite (1931) recebeu reações favoráveis dos críticos que o viam como uma obra extremamente sensível e a primeira produção com espírito de vanguarda realizada no Brasil. Porém não agradou muito o público, acarretando na não exibição do filme comercialmente e tendo poucas sessões após essa.

(...) a primeira sessão de *Limite* – dez e meia da manhã, 17 de maio de 1931, no Cinema Capitólio, na Cinelândia (...) *Limite* jamais chegou a ser exibido comercialmente. Mostrou-se de raro em raro em sessões especiais. e uma delas merece destaque a de julho de 1942, patrocinada por Vinícius de Moraes, então crítico de cinema do jornal *A Manhã*, para apresentar o filme a Orson Welles (...) (AVELLAR, 2011, p.12)

Em *Limite* (1931) existe uma preocupação com o fazer cinematográfico como arte e não mais como uma simples diversão. O longa é repleto de signos da modernidade, levando a linguagem do cinema mudo ao extremo, o que causou grande dificuldade em o filme ser aceito pelo público.

O filme de Peixoto tem um foco maior na montagem do filme, por isso as imagens são protagonistas no ato de contar a história. É uma obra que, nesse ponto, se aproxima do cinema de Serguei Eisenstein, cineasta russo do início do século XX, que fazia seus filmes com foco na montagem, em contar as histórias através das imagens.

O longa-metragem conta a história de um homem e duas mulheres que estão náufragos, confinados em um barco perdidos na imensidão do oceano. Com esses três personagens (mulher n1 = Olga Breno, mulher n2 = Tatiana Rey e homem n1 = Raul Schnoor) presos nesse barco à deriva, o espectador vai sendo apresentado as histórias de vida de cada um deles e o que os levaram para aquela situação extrema.

³ Cinema Capitólio: Localizado na praça Floriano, no Rio de Janeiro. Inaugurado no dia 23 de abril de 1925, foi considerado um dos melhores cinemas do Rio de Janeiro.

⁴ Cinelândia: Nome popular usado para se referir a região no entorno da praça Floriano, no centro da cidade do Rio de Janeiro. O local era cheio de bares, boates e teatros, era tida como a Times Square brasileira.

⁵ Chaplin Club: cine clube fundado em 13 de junho de 1928 no Rio de Janeiro por quatro amigos: Almir Castro, Claudio Mello, Plinio Süssekind Rocha e Octávio de Faria. O Chaplin Club, estabeleceu amplo debate sobre a linguagem cinematográfica no Rio de Janeiro com publicações no jornal O Fan (1928-1930).



Apesar de não agradar inicialmente o público e não ser exibido comercialmente, com o passar dos tempos *Limite* (1931) começou a conquistar um público cativo nas "sessões promovidas por Sussekind Rocha no Salão Nobre da Faculdade Nacional de Filosofia" (AVELLAR, 2011, p.12).

Limite (1931) foi votado⁶ diversas vezes como o melhor filme brasileiro já realizado e é considerado, por muitos estudiosos do cinema, a primeira e única referência de filme brasileiro experimental do cinema mudo. A forma inovadora do filme fez com que ele conquistasse, mesmo após décadas, o lugar de um filme inovador realizado na América Latina.

É um marco na história da linguagem filmica experimental, ao desmontar um sistema de representação institucional que estava vigente havia quinze anos, (...) Peixoto se destaca por essa busca fundamental, expressiva e narrativa ao extremo, confrontada com o uniforme cinema tradicional latino-americano. (LA FERLA, 2008, p.72)

Limite (1931) pode ser visto como um filme que se esforça para explorar as possibilidades visuais, as técnicas experimentais e as variações rítmicas, uma hora de forma melancólica e em outros momentos de forma agressiva, tudo isto para falar sobre as limitações e futilidades da existência humana.

Uma das coisas que chama atenção no filme de Peixoto está no modo como é contada sua história. A indústria de cinema brasileiro das décadas de 1920 e 1930 trabalhava ainda de forma bastante artesanal, era um cinema provinciano, com filmes que já soavam superados se comparados com os novos experimentos que eram realizados pelo mundo. *Limite* (1931) se difere porque Peixoto, que além de diretor também foi roteirista do filme, realizou parte de seus estudos na Europa onde entrou em contato com as vanguardas artísticas e se encantou por esse universo, terminando por colocá-lo em pártica na sua obra.

3. Um Conto Sobre os Limites

18150000

Em *Limite* (1931) existe, claramente, uma vontade filmica de se fazer uma oposição estética ao estilo clássico de se realizar cinema que dominava o Brasil no 6 http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/criticos-elegem-limite-de-mario-peixoto-melhor-filme-brasileiro



início do século XX. Os filmes que eram produzidos seguiam como padrão as obras realizadas em Hollywood na época, as quais seguiam padrões mais clássicos.

A obra de Peixoto se opõem a esta tradição cinematográfica. Os procedimentos técnicos utilizados rompem a ordem do fazer, a regra dos planos e dos tempos regulares, se aproximando das produções de vanguarda que estavam sendo realizadas no continente europeu.

Este tom inovador terminou ocasionando uma visão equivocada sobre o filme. Parte do público e da própria crítica veem *Limite* (1931) como um filme puramente estético, um filme que figura, junto com outros, um hall de filmes de "arte pela arte" e esse esteriótipo termina deixando escapar mensagens importantes presentes na obra.

Em *Limite* (1931) assuntos que tangem a existência humana também se fazem presente, sendo eles abordados de uma forma mais subjetiva. O filme fala sobre os infortúnios do ser humano diante da descoberta dos seus limites e da sua condição, apresentando como isso cria um conflito no indivíduo.

Por tratar de algo tão intimista do universo humano, este filme se tornou uma obra atemporal. O tema central dessa trama se faz sempre atual, é um fato social que está sempre acontecendo. O ser humano fruto dos tempos modernos crê-se ilimitado, acredita que tudo pode; *Limite* (1931) contesta essa teoria e mostra o quanto o ser humano é limitado.

A obra é inspirada em uma fotografía de André Kertész, capa da revista francesa Vu. A foto é o rosto de uma mulher envolto por duas mãos algemadas. Segundo Peixoto, ao ver esta imagem ele sentiu uma sensação de extrema limitação, e foi esse sentimento que deu origem ao roteiro do filme.





Limite (1931) é um filme que fala por detalhes, expõem seu tema central através de símbolos. A denúncia do conflito interno entre o homem e os limites é realizada de forma subjetiva, em pequenas simbologias que vão se encaixando como um quebra cabeças. Isso é o que o filósofo francês Georges Didi-Huberman diz ser se comunicar por imagens: "(...) a menor representação rapidamente terá fornecido algum alimento - ainda que discreto, ainda que um simples detalhe - ao homem da crença." (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.50). Na obra de Peixoto "a sensação de limite vêm da câmera, do olhar, do que se vê na tela (...)" (AVELLAR, 2011, p.25).

Salta do detalhe para a cena aberta, do quadro bem iluminado para o contraste forte, da imagem em positivo para outra em negativo – e é exatamente assim, correndo sem amarras que amarra, corta, fecha, encobre, interrompe, algema, limita. (AVELLAR, 2011, p.27)

O longa-metragem se desenvolve a partir de uma imagem que aparece logo no início do filme, o rosto da personagem mulher n1 (Olga Breno) aparece envolto a mãos algemadas. Essa imagem já anuncia sobre o que o filme falará nas próximas horas: os limites e a condição humana.

O "tema", que se anuncia no prólogo, se desenvolve na sequênciachave inicial: a inconformidade e perplexidade, o desespero e a angustia diante da súbita e trágica descoberta da essencial limitação da condição humana, da impotência diante da sede de infinito, sua tragédia e consequências: derrota, frustração, desespero, decadência, fuga e morte – subtemas de *Limite*. (MELLO, 1990, p.87)





3.1 Os Olhos e o Mar

A câmera em *Limite* (1931) cria uma contínua tensão entre o homem e a natureza que o cerca. Esta tensão é um elemento de extrema importância e tecerá a trama principal, mostrando aos poucos a mensagem central do filme.

A tensão já se apresenta nas cenas iniciais; os olhos em close-up da mulher n1 (Olga Breno) se fundem ao mar cintilante que não parece ter fim. No filme a natureza será utilizada como símbolo do infinito, das possibilidades e da força do mundo. A figura do homem, e tudo que é humano, serão utilizados como representações do que é finito, limitado e possuidor de ema fraqueza, fragilidade.

Os olhos no mar é uma das simbologias utilizadas por Peixoto para falar sobre a limitação como uma condição humana. Os olhos em close-up da mulher n1 (Olga Breno) representam as janelas da alma humana e o mar simboliza o infinito, o lugar cheio de possibilidades. Desta imagem poética surge a seguinte mensagem: a alma humana se crê ilimitada. A partir disso, as próximas horas mostrarão a angustia do ser humano, que acredita ser ilimitado, ao se deparar com o fato de ser perpassado por diversos limites.



3.2 O Barco e o Mar

A tensão entre o homem e a natureza aparece, mais uma vez, nas cenas que mostram os três personagens aparados por um pequeno barco no mar. O barco é uma criação humana e está no filme como um símbolo do que é humano, do homem. O



barco, um simples amontoado de pedaços de madeiras na imensidão do mar, é utilizado como representação do homem, da sua fragilidade e da sua limitação, nesse mar que é um lugar cheio de possibilidades e de força.

As imagens no barco são uma metáfora da condição humana; do homem e da sua fragilidade em meio à imensidão que é o mundo e que é a vida. Náufragos, perdidos, nada podem fazer para sair daquela situação a não ser viver e esperar; essa é a condição humana, de certa forma o ser humano está ao acaso.

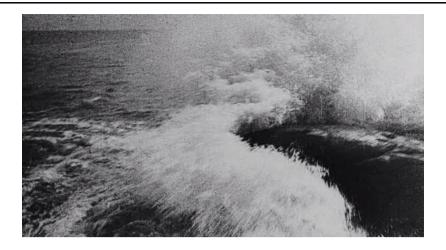


Resumindo, Limite (1931):

(...) trata-se de um filme para viciados feito dentro de um subjetivismo integral, para expor certos aspectos filosóficos da vida, como, por exemplo, que as criaturas vivem com os movimentos limitados no ilimitado universo, e que, afinal, há limites até nessa própria ilimitação. (AVELLAR, 2011, p.52)

Essa tensão criada entre o homem e a natureza é utilizada, mais uma vez, na cena da tempestade que finaliza a obra. A tempestade é o ápice de toda essa tensão criada no filme; o aspecto da natureza que é utilizado para representar a maior das forças do ilimitado, do que é infinito. A tempestade é a representação da força que expõe, desnuda a fragilidade e os limites humanos.





3.4 Delimitação dos espaços

Outro elemento utilizado por Peixoto e Edgar Brasil para tecer a trama central é a delimitação dos espaços. A câmera em *Limite* (1931) realiza um jogo de imagens sobre o que está "dentro" e o que está "fora", e nesse jogo de imagens reside uma mensagem sobre a condição humana.

Para que possa existir o "dentro" e o "fora" é preciso que exista algo entre eles, algo que delimite a fronteira desses dois espaços. Este "algo" que delimita é, justamente, a representação da existência dos limites humanos.

As imagens buscam transmitir que existem coisas e instâncias que o homem não consegue ultrapassar. O "dentro" e o "fora" são lugares onde existem possibilidades; ou seja, as possibilidades existem mas, também existem os limites, essa é a condição da existência. No filme as cercas, as portas, as janelas, os telhados... Tudo representa a essência da existência limitada que tem o ser humano.









3.5 A Morte

A trama central também é tecida pelo símbolo da morte. Em *Limite* (1931) ela é utilizada como uma representação "maior" da limitação e da condição humana. O homem já vem ao mundo com um limite claro e estabelecido: a morte.

A morte não está representada de forma clássica na obra, ela é utilizada no filme através da sugestão. Didi-Huberman (1998) explica sobre esse fenômeno afirmando que as imagens ausentes comunicam uma mensagem justamente por sua ausência, a ausência delas termina por sugerir e atingir o observador muito mais.

Limite (1931) nos mostra que não adianta se angustiar e fugir, os limites fazem parte do que é o ser humano. Voltemos a cena da tempestade; a tempestade além de trazer consigo a representação da força, do infinito, ela traz consigo, também, a morte, o símbolo maior do quão limitado é o homem.



O sentimento de limitação na obra é tanta, que ultrapassa as imagens e atinge o público:

Assistimos às últimas imagens de limite vivendo tragicamente, presos na poltrona enquanto os acordes de *Gymnopedie* ainda permanecem na tela branca na sala clara, a consciência nítida de nossa limitação: nunca vivemos tão intensamente nossa própria condição humana. (MELLO, 1990, p.85)

Os personagens em *Limite* (1931) ilustram o estado das coisas, o tema central: os limites da condição humana. Os três personagens e suas histórias são metáforas das situações que denunciam os limites que tangem a existência humana.

A mulher n1(Olga Breno), antes do naufrágio, era uma fugitiva da polícia; um limite na sua vida. A mulher n2 (Tatiana Rey) vivia um casamento infeliz; um limite na sua vida. O homem n1 (Raul Schnoor) vivia um amor proibido; um limite em sua vida. Por não aceitar seus limites e buscar a fuga como solução, todos eles terminam em um limite maior: o barco, o naufrágio, o isolamento. Não aceitar os limites os torna infelizes, a infelicidade busca a fuga, a fuga os isola mais ainda.

A câmera em *Limite* (1931) "age" a todo momento com a intencionalidade de expor o conflito principal:

A máquina (a câmera) foge com os personagens em direção à natureza, atravessa mares e céus, persegue nuvens, voa com as aves, corre com os homens alucinados, segue os movimentos dos galhos das árvores que o desespero da natureza parece estar chamando, cai com os corpos desanimados dos homens, avança dez vezes sobre a fonte que jorra, foge, corre, perde-se perseguindo o horizonte, caminhadas sem fim – mas quando volta é a mesma terra que encontra, o chão que é superfície e fim de toda visão, a cerca que delimita, o limite que prende, limites de todas espécies. (AVELLAR, 2011, p.46)

Em *Limite* (1931) as imagens:

(...) são de "síntese" e de "conflito". Todas as imagens do filme são metamorfoses da imagem proteica (a mulher n1 envolta de mãos algemadas) ou de partes dela e desta "síntese" e desta "polaridade" olhos-mar, eu-mundo, aqui-ali, interior-exterior. Por todo filme estará presente o "tema" sob forma de uma metamorfose originada na imagem proteica. *Limite* é marcado pela obsessão das algemas e pela



obsessão do mar. Todo filme tende, primeiro, à imensa panorâmica meridiana – que é seu climax, obsessão na limitação – depois da tempestade – que é o desenlace, obsessão da morte. (MELLO, 1990, p.88)

4. Considerações Finais

Limite (1931) é um filme que transmite sua mensagem a partir de representações, através de um jogo de quebra-cabeça, do visível com o não visível. A obra expõe o desespero e a angustia humana diante da descoberta de que é perpassado por diversos limites; a partir da impotência e da perplexidade humana diante da infinitude, da força e do poder da natureza, da vida.

Neste filme, o espectador, precisa de atenção para perceber o tema central; é preciso prestar muita atenção nas imagens, juntá-las e ir além delas. Este é um dos fatores que tonam *Limite* (1931) um filme tão inovador e de difícil compreensão, é preciso ir além do simples ato de ver, é preciso se permitir sentir o filme.

Ora, o objeto, o sujeito e o ato dever jamais se detêm no que é visível, tal como o faria um termo discernível e adequadamente nomeável (...) O ato de ver não é o ato de uma máquina de perceber o real enquanto composto de evidências tautológicas. O ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do "dom visual" para se satisfazer unilateralmente com ele. Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.77)

Os planos, em *Limite* (1931), estão o tempo todo reiterando o tema central através de representações dos diversos limites que atravessam os personagens. As bordas do barco, as cercas, as grades, as cruzes, as estradas, o mar, o horizonte... Todos são símbolos dos limites humanos, cárceres dentro de cárceres.

Em Limite (1931) vemos:

(...) um desvendar – é alargar nossa visão, é ver o "invisível". Primeiro vemos a superfície de *Limite* – depois e, no decorrer do filme, aprofundamo-nos. Vemos cada vez mais e mais profundamente: *Limite* é um desvelamento – e o que ele nos devela é a própria natureza essencialmente limitada da condição humana. *Limite* não



produz o visível, sendo um filme; torna visível, sendo uma obra de arte. (MELLO, 1990, p.85)

A intenção de Peixoto em *Limite* (1931) foi mostrar como a condição humana é limitada. Não adianta criar invenções, se crer infinito, pois, os limites existem e sempre existirão. O maior exemplo é o tempo: o tempo não passa de uma mera invenção humana na buscar de controlar o mundo, porém isto é inútil, pois a natureza e sua infinitude é atemporal, pouco se importando com esta criação humana.

Como Peixoto afirmou, não adianta fugir dos limites, não há como escapar deles:

Eu quis mostrar em *Limite* que o homem jamais consegue quebrar esta coisa a que ele está preso, na Terra. Tem o limite humano das possibilidades – ele pode voar, pode fazer isso, aquilo pode descer às profundezas do mar, mas à superfície da terra ele tem de voltar um dia, cedo ou tarde. Também o tempo é uma coisa ilusória, muito ilusória. Haja visto o relógio – o que o relógio está dizendo? "Mais um, mais um, mais um". Na verdade, o relógio não está dizendo isso. Nós é que não escutamos direito. Ele está dizendo "menos um, menos um, menos um..." O tempo não existe. É uma coisa unida. Foi o homem que inventou o relógio, a divisão dos meses, a divisão dos anos, todas essas coisas. E o corpo humano envelhece porque tem de envelhecer, é um caso fisiológico. Mas não é o tempo... O tempo é coisa ilusória, não existe. É isso que eu quis provar em *Limite*, e creio que eu consegui. (PEIXOTO, 1988, p.32)



5. Referências Bibliográficas

MASCARELLO, Fernando (org). **História do cinema mundial.** 6. ed. Cmpinas-SP: Papirus, 2006.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O Que Vemos, O Que Nos Olha**. 1. ed. São Paulo – SP: Editora 34, 1998.

AVELLAR, José Carlos. **Um lugar sem limites**. Gramado: Festival de Cinema de Gramado, 2011.

LA FERLA, Jorge. **LIMITE:** SINFONIA DO SENTIMENTO. Brasil: Revista Videobrasil, 2007.

MELLO, Saulo Pereira de. Limite. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MELLO, Saulo Pereira de. **Ver "Limite"**. São Paulo – SP: Revista USP, 1990. p. 85 – 102.

MELLO, Saulo Pereira de. **Mário Peixoto - Escritos Sobre Cinema**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

SALEM, Helena. **90 anos de cinema - uma aventura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cuando las imágenes toman posición**. Madrid: A. Machado Libros, 2008.

ROCHA Glauber. **Revisão Crítica do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 59 – 64.

FARIA, Octávio de. Limite. O Fan, Rio De Janeiro, n. 9, p. 75-79. dezembro/1930.

FARIA, Octávio de. Limite. A Pátria, Rio De Janeiro. 10/maio/1931.

FARIA, Octávio de. Limite. Bazar, Rio De Janeiro. p. 16. 21/novembro/1931.

CHIARELLI, Tadeu. **A fotomontagem como "introdução à arte moderna"**: Visões moernistas sobre a fotografia e o surrealismo. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?

script=sci_arttext&pid=S167853202003000100007&lang=pt.

COELHO, Amanda de Freitas. Limite experimental. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/9023515/ Limite Experimental.

LIMITE. Direção de Mário Peixoto. Roteiro: Mário Peixoto. Rio de Janeiro: 1931. (117 min.), P&B.